

RESILIÊNCIA REVISITADA: UMA ABORDAGEM REFLEXIVA PARA PRINCIPIANTE NO ASSUNTO

Idonézia Collodel Benetti¹

Maria Aparecida Crepaldi

Resumo. Este trabalho, que tem por objetivo principal abordar o fenômeno da resiliência, está direcionado para principiantes interessados no assunto. De natureza bibliográfica, compartilhada com estudiosos desta área do conhecimento, que figuram em âmbito nacional e internacional, este estudo pretende colar, peça a peça, os componentes deste desafiador e complexo mosaico, com a finalidade de tentar clarificar as dificuldades encapsuladas no conceito que, embora ainda em debate e construção, se encontra em franco avanço. Neste espectro, as tensões que acompanham o desenrolar das tentativas de elaboração do conceito de resiliência nas últimas décadas são aqui tangenciadas, percorrendo o caminho dos pioneiros e chegando aos conceitos correlatos necessários à compreensão do seu significado. Nesta pesquisa, são consideradas as dificuldades metodológicas e as controvérsias ideológicas do conceito, as quais sugerem uma cautelosa investigação de sentido antes da aplicação do termo.

Palavras-chave: Resiliência, Conceito, Complexidade, Controvérsias, Desenvolvimento humano.

REVISITED RESILIENCY: A REFLEXIVE APPROACH FOR BEGINNERS IN THIS ISSUE

Abstract: This paper aims at approach the resilience phenomenon and is addressed to beginners interested in this theme. Bibliographic in nature, this study shares with important scholars known abroad and in the Brazilian scenery and intends to glue, piece by piece, all the components of this challenging and complex mosaic, in order to clarify the difficulties encapsulated inside the concept that, in spite of under debates and elaboration, it is clearly in frank advance, in terms of construction. In this spectrum, the tensions that go parallel to the attempts of elaborating the concept in the last decades are touched upon in this work. It includes the pathways travelled by the pioneers till the roads that lead to the correlated concepts necessary to the comprehension of the meaning involved in the phenomenon. The methodological difficulties and the ideological controversies are considered, since they suggest a cautious investigation of meaning before the application of the term.

Keywords: Resilience; Concept; Complexity; Controversies; Human development.

¹ Dados das autoras ao final do artigo

RESISTENCIA REVISITADA: UNA ABORDAJE PARA LOS PRINCIPIANTES INTERESADOS EN EL TEMA

Resumen. El objetivo del presente estudio es plantear el fenómeno de la resistencia para los principiantes interesados en el tema. La naturaleza del estudio es bibliográfica y compartida con investigadores de este campo de conocimiento en el ámbito nacional e internacional. Este estudio apunta a pegar pieza por pieza, los componentes de este mosaico difícil y complejo. Tiene el fin de aclarar las dificultades encapsuladas en su concepto cuya construcción sigue en discusión, pero tiene significativo avance. Teniendo en cuenta la ambigüedad del tema y de las tensiones que emergen de las formas de construcciones del intento de elaboración del concepto de resistencia es posible una tangencia desde el recogido del camino hecho por los pioneros de la temática, hacia la comprensión de los conceptos y sus significados. Se considera, en esta investigación, las dificultades metodológicas y conflictos ideológicos del concepto, que sugieren cauta percepción de sentido antes de firmar o aplicar el concepto.

Palabras clave: Resistencia; Concepto; Complejidad; Controversia; Desarrollo humano.

Introdução

*Reconhece a queda e não desanima.
Levanta, sacode a poeira e dá a volta por
cima (Paulo Vanzolini).*

Comparações entre pessoas que são capazes de superar dificuldades, com àquelas que não conseguem superar o trauma gerado por adversidades da vida, são promotoras de investigações de estudiosos e pesquisadores em áreas diversas do conhecimento, incluindo a Psicologia. Enquanto alguns indivíduos conseguem adaptar-se positivamente, ao mesmo tempo em que vivenciam situações problemáticas (ocorrências presentes no cotidiano até situações extremas, tais como pobreza, abusos físicos e psicológicos, violência, desastres naturais – tsunamis, enchentes, terremotos, etc.), fazendo o enfrentamento das mesmas e tendo um comportamento como o apresentado na epígrafe que abre este trabalho, outros há que não conseguem sair do problema permanecendo paralisados e, nesta condição, muitas vezes, são levados a sucumbir, mergulhados em estados de depressão ou outras patologias graves.

Então, tendo em vista assunto de instigante complexidade e magnitude, este artigo foi pensado no sentido de prestar esclarecimentos, e algumas reflexões a respeito do fenômeno em questão, aos interessados que estão iniciando seu envolvimento com o tema. Nestes termos, este trabalho tem como finalidade abordar o fenômeno da resiliência de maneira didática e acessível, visando facilitar a compreensão de leitores principiantes no assunto.

O estudo empreendido, de natureza bibliográfica, propõe-se a costurar, de maneira reflexiva, os vários recortes – pontos e contrapontos – necessários para a

compreensão do conceito de resiliência. Nesta empreitada, as agruras e tensões empreendidas na tentativa de uma construção do conceito, ainda em discussão e debate, com suas controvérsias e limitações, serão colocadas, bem como as ambiguidades que circundam a terminologia, promotoras de algumas inconsistências, as quais têm custado preciosas horas de trabalho e reflexão por parte dos estudiosos do assunto.

Assim, a epígrafe supracitada – oriunda da sensibilidade do poeta, incorporada à sabedoria popular, e utilizada por muitos brasileiros quando querem oferecer conselhos para a superação de uma crise – servirá como um “farol” para as pretensões anunciadas no título deste artigo, orientando os “marinheiros de primeira viagem” a chegarem ao “ancoradouro” das reflexões aqui delineadas.

Resiliência: A Origem do Termo

A palavra resiliência, segundo Lhomme e outros (2010), é originária da língua latina “resilio, resilire” com significado de “saltar para traz”. Datada como aparecendo pela primeira vez na literatura em 1807 – sendo um de seus precursores o cientista inglês Thomas Young (Torralba e Vásquez-Bronfman, 2006) – foi encontrada primeiramente nas ciências exatas, atribuída à resistência de materiais. Então, sob a rubrica desta área do conhecimento, o termo resiliência foi compreendido como a capacidade máxima que um material possui de suportar tensão sem se deformar de maneira permanente, retornando ao seu estado original.

Apontando para a mesma direção e sentido, encontramos em Ferreira (1986) a seguinte conceituação: “propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora da deformação elástica”ⁱ (p. 965). Abalizada por estes parâmetros, a metáfora mais utilizada para ilustrar a amplitude deste fenômeno é a de um elástico que, uma vez esticado, sofrendo uma pressão inicial, tende a voltar ao seu estado original, quando cessa a pressão sobre ele exercida. Como podemos observar, quando se trata de materiais há uma relação entre tensão/deformação e resistência ao choque/flexibilidade.

Ainda no contexto brasileiro, o dicionário Houaiss (2001, p. 583) oferece o conceito originalmente usado, porém amplia-o trazendo significados para a esfera do comportamento humano: “... propriedade que alguns corpos apresentam de retornar à forma original após terem sido submetidos a uma deformação elástica; capacidade de se recuperar facilmente ou se adaptar à má sorte ou às mudanças.”

Existem, entretanto, diferenças culturais na abordagem do termo, quando se refere à prioridade do significado. Para esclarecer essa diversidade, o termo resiliência no dicionário Longman Dictionary of Contemporary English (1995, p. 569)ⁱⁱ aponta para a “... habilidade de voltar rapidamente para o estado usual de saúde ou de espírito, depois de passar por doenças, dificuldades: resiliência de caráter.”

Vale o esforço para salientar que o dicionário em língua inglesa, diferentemente das obras brasileiras anteriormente mencionadas, imprime, revela, e coloca em primeiro plano, maior familiaridade com o termo, confirmando prioridade no que se refere à amplitude de seu significado para a compreensão do que é resiliência, ao relacioná-lo a fenômenos humanos, mostrando o significado psicológico do termo.

É importante enfatizar que, no que se refere a diferenças culturais, a palavra resiliência, com seu significado polissêmico e pluridisciplinar, tem ocupado diferentes lugares e transitado por vários espaços que vão desde a circulação em instâncias do meio acadêmico até o cotidiano das famílias. Em alguns países da Europa, e principalmente nos Estados Unidos e Canadá, esta palavra aparece com frequência dando características – e muitas vezes emprestando o próprio nome – a produtos tais como tinta para pintura de paredes, polidor dental, cosméticos, etc.

Nesta perspectiva, torna-se compreensível o fato de esta palavra, em nosso país, diferentemente de outros países onde seu significado faz parte do cotidiano das pessoas, continuar povoando apenas os textos científicos e as pesquisas e discussões efetivadas no mundo acadêmico. Porém, mesmo restrito à esfera da academia, o conceito de resiliência ultrapassou as fronteiras das ciências exatas e das engenharias, ganhando espaços em outras instâncias do universo científico, obrigando pesquisadores e estudiosos a oferecer outros contornos para melhor entender seu uso, quando aplicado a outras áreas da ciência.

Contexto Histórico em Ciências Humanas

Apesar de indicar uma característica bastante antiga da humanidade, o conceito de resiliência em psicologia e psiquiatria é considerado ainda muito novo por pesquisadores e estudiosos do assunto (Rutter, 1985; Saleebey, 2008), uma vez que este fenômeno tem sido examinado e avaliado empiricamente apenas no decorrer das últimas três décadas, a partir de trabalhos desenvolvidos principalmente com crianças vivendo em ambientes de alto risco, sob condições adversas.

No início do século XX, antes que o termo fosse cunhado sob a chancela de “resiliência”, a ideia que transitava no meio científico era de que os eventos negativos da vida eram produtores de atraso no desenvolvimento e promotores de desordens psiquiátricas (Rutter, 1985). A palavra resiliência apareceu pela primeira vez em psicologia em 1966 para descrever as forças biológicas e psicológicas promotoras de superação frente aos reveses da vida – trauma, estresse, e outras formas de risco.

Em 1942, durante a Segunda Guerra Grande Mundial, Scoville publicou um artigo, onde relatou uma resistência incomum apresentada pelas crianças que estavam vivenciando os horrores da guerra. No pós-guerra, segundo Torralba e Vásquez-Bronfman (2006), os estudos de Bowlby sobre a Teoria do Apego, que abordavam vínculo, separação, rupturas e suas conseqüências na saúde emocional, enfatizando que

as experiências positivas imprimiam sua marca para a formação de personalidades saudáveis e resilientes, contribuíram para o avanço neste campo de conhecimento.

Mas, com o decorrer do tempo e do investimento na investigação do fenômeno da resiliência, na visão de Rutter (1985), houve uma mudança de enfoque, avançando para a conceitualização dos diferentes tipos de eventos de vida. Neste enfoque, perdas pessoais e ameaças ambientais foram considerados fatores que levavam a problemas psiquiátricos, que comprometiam o desenvolvimento humano.

Segundo esta mesma autoridade, três estudiosos se destacam, em diferentes épocas: 1) nos anos 60, a psicóloga Emmy Werner começou um estudo com crianças no Havaí, as quais viviam em condições de pobreza extrema. Este estudo de epidemiologia social teve uma duração de mais de 30 anos, caracterizado, portanto, como longitudinal, com mais de quinhentas pessoas, cujos resultados publicados em 1992 revelaram o triunfo delas sobre as desvantagens físicas e uma infância carente; 2) nos anos 70, o médico Norman Garmezy focou seus estudos na competência de crianças em situação de risco devido ao fato de serem filhos de pais com transtornos mentais, incluindo a esquizofrenia. Essas crianças não apresentavam transtornos psicológicos, mesmo crescendo em ambiente adverso; 3) nos anos 80 Michael Rutter, psiquiatra inglês, e sua equipe destacam a importância da combinação de fatores individuais e do contexto que permitem o enfrentamento de situações adversas.

Em julho de 1993, conforme relatado por Moraes e Rabinovich (1996), Bronfenbrenner, em uma conferência realizada na cidade brasileira de Recife, fez referência ao conceito de resiliência, quando ilustrou o termo referindo-se aos sobreviventes de campos de concentração nazistas que reconstruíam as suas vidas, enquanto outros não conseguiam ultrapassar o trauma vivido durante a guerra. Na ocasião, foi apontado que este comportamento estava associado à esperança quanto ao futuro, e que essa qualidade, que permitiu a essas pessoas suportarem o sofrimento a que foram submetidas, era passada de uma geração para a outra. Como se pode observar, Bronfenbrenner, aqui, traz a família (e as gerações – transgeracionalidade) para o contexto da resiliência e do desenvolvimento humano.

É importante salientar que, na literatura destes últimos anos, especialistas no assunto (Masten, 1999; Luthar e outros, 1993) dividem os pesquisadores desta área em duas gerações, a saber: a geração de setenta e a geração de noventa. Nesta empreitada, eles apontam que os estudiosos da geração de setenta estavam preocupados em identificar fatores presentes na “invulnerabilidade” ou na “adaptação” de indivíduos, ao enfrentarem fatores de risco; apontam, também, que os pesquisadores da geração de noventa estiveram mais focados nas questões concernentes à identificação de fatores que facilitavam o desenvolvimento da resiliência, as quais levavam a manifestações de competências e habilidade na realização de tarefas típicas do desenvolvimento humano, tais como o desempenho escolar e profissional, expandindo a visão sobre o assunto; neste espectro, enfatizaram grande importância ao relacionamento com figuras de apego

na infância como parte do processo de recuperação e desenvolvimento saudável dos indivíduos que enfrentam experiências significantes de adversidades (Saleebey, 2008).

Assim, historicamente, percebe-se uma evolução na trajetória das pesquisas, no direcionamento dos estudos e no pensamento dos estudiosos, que partem de um aporte que se referia à resiliência, enquanto um traço puramente individual e chegam ao âmbito relacional, quando admitem a possibilidade de desenvolvimento deste fenômeno, por meio do relacionamento com pessoas significativas, que estão presentes no entorno dos sujeitos, enquanto em situação de risco.

Mais recentemente, os pesquisadores vêm se preocupando em explicar a noção dinâmica da resiliência, enfatizando que ela se constitui num processo que leva em consideração o fato de o indivíduo estar imerso no contexto da família – recursos internos – e da comunidade – recursos externos, os quais interagem entre si, em diferentes níveis, exercendo influência direta no seu desenvolvimento (Walsh, 1998). Surge então, “... o modelo triádico de resiliência, que consiste em organizar os fatores resilientes e de risco em três grupos: os atributos individuais, os aspectos da família e as características dos ambientes sociais a que as pessoas pertencem” (Infante, 2005, p. 24). Em outras palavras, o fenômeno da resiliência se constitui em uma combinação de fatores, que envolve relações de suporte dentro e fora da família.

No cenário brasileiro, os estudos sobre resiliência, suas implicações e aplicações na área da saúde são ainda recentes, datando de pouco mais de uma década (Yunes, 2006). Os primeiros trabalhos surgiram em 1996, envolvendo estudos sobre crianças em situação de risco e fatores de proteção e vulnerabilidade psicossocial, e em 1998 associando o assunto às redes de apoio social e afetivo de crianças durante o enfrentamento de situações de risco (Hutz e outros, 1996); somente nos últimos cinco anos houve maior desenvolvimento do tema (Souza e Cervený, 2006).

Implicações na Compreensão do Significado do Conceito

*... não penso na angústia, mas penso na
beleza de ainda viver (Diário de Anne
Frank)*

Em psicologia, o conceito de resiliência tem evoluído de acordo a trajetória que acompanha as pesquisas e descobertas na área e, da mesma forma, parte de uma idéia de resiliência como traço individual de personalidade – herdado biologicamente – para uma visão contemporânea, que inclui contextos relacionais envolvendo a comunidade primária – família e vizinhança (redes sociais de amizade e parentesco) – e redes sociais mais amplas, tais como os serviços oferecidos pela comunidade secundária, que preconizam instituições organizadas prestadoras de serviços (postos de saúde, associações de bairro, ONGs, etc.).

Neste trabalho, dois conceitos de resiliência, de diferentes autores, serão utilizados e, a partir deles, a natureza da resiliência e sua complexidade e multiplicidade de fatores poderá ser observada, bem como as dificuldades para a elaboração de seu construto; será possível, também, perceber como esta tarefa tem custado caro aos estudiosos deste campo do conhecimento e os problemas enfrentados por aqueles que optam por trabalhar a partir do paradigma que encapsula o conceito de resiliência.

Para Grotberg (2005, p. 15) resiliência é “... a capacidade humana para enfrentar, vencer e ser fortalecido ou transformado por experiências de adversidade.”, que é adquirida nas relações que estabelecem vínculos de confiança e afetividade. Neste pensamento, uma pessoa bem adaptada seria uma pessoa resiliente e, nestas condições, o conceito de resiliência apresenta um problema, do ponto de vista das reflexões sobre seu construto, relacionado à palavra *adaptação*. Na esfera semântica, esta palavra remete primeiramente a uma ação – o indivíduo sai de um estado/situação para outro e, então, sofre o processo de adaptação que, neste sentido leva ao significado de acomodação/conformidade.

Mas, o estado de acomodação pode levar à ideia equivocada de se estar conformado com os acontecimentos, naturalizando-os, como por exemplo, em casos de violência sexual, como é mencionado ilustrado por Pereira Alberto e outros (2009). Nestes termos, a palavra em referência não traduz o que os pesquisadores entendem por resiliência. Então, aparece o termo *superação* para contrapor o que a palavra adaptação não foi capaz de traduzir. Segundo Cyrulnik (1999), este é um termo mais apropriado, uma vez que transporta à possibilidade de retomada de uma situação a partir de uma ruptura – e não puramente à volta para o estado anterior ao trauma – acompanhada de uma construção que marca o indivíduo, mas não o impede de se desenvolver, se refazer e construir novos caminhos; metaforicamente, o autor compara o fenômeno da resiliência à arte de navegar em meio à tempestade (Cyrulnik, 1999).

É necessário ressaltar ainda que, tanto na teoria quanto na prática, não há lugar para qualquer tipo de conformidade passiva aos padrões vigentes (e, em sem se tratando de violência, a conformidade ativa também), quando se fala em resiliência. É a partir das respostas das pessoas ao seu meio, com interferências que podem modificar os próprios condicionamentos impostos por ele, e a análise de cada caso, que será viável a tentativa de avaliar se houve uma resposta de superação. Assim, temos uma das polarizações que marcam o conceito de resiliência: *adaptação/superação* (Junqueira e Deslandes, 2003). Outras controvérsias ainda estão presentes na discussão que envolve o construto do termo, o que, na verdade, é compreensível em se tratando das complexidades e multifatorialidades que devem ser levadas em consideração ao serem estudados fenômenos humanos.

Outro conceito de resiliência é oferecido por Luthar e outros (2000, p. 544) como sendo “... um processo dinâmico que abrange a adaptação positiva num contexto de adversidade significativa.” e, neste trecho, pode-se observar a inclusão do adjetivo

“positiva” para caracterizar o termo adaptação. Esta é uma tentativa de operacionalizar o conceito de resiliência levando em consideração que este fenômeno, como já previamente colocado, não apresenta um sentido passivo, de conformidade às regras. Ao contrário, é um movimento de assimilação, modificação, transformação e ressignificação da situação de adversidade enfrentada pelo sujeito (Junqueira e Deslandes, 2003; Poletto e Koller, 2008), que, a julgar pelas anotações deixadas em seu diário, foi o que aconteceu com Anne Frank e com muitos outros sobreviventes do holocausto nazista, com registros na História.

Neste conceito, há que se apontar, também, a abrangência da palavra “processo”, que por si só exclui traços individuais, fatos pontuais e o fenômeno da resiliência como uma variável psicológica isolada em si mesma, deixando clara a noção de um fenômeno relacional, associado a vários fatores – como veremos a seguir. A conceitualização inequívoca de resiliência como processo – implicando, portanto, em uma totalidade que inclui fundamentalmente diferentes dimensões e a trajetória de vida dos indivíduos – e não como um traço isolado de personalidade evita, em grande parte, a falácia de se cometer erros de interpretação concernentes à compreensão do fenômeno.

Outra polarização, citada por Junqueira e Deslandes (2003), diz respeito à dicotomia *inato/adquirido*, ou seja, implica em apontar se a pessoa nasce com predisposição à resiliência, o que a levaria a lidar melhor com as adversidades, ou se o fenômeno seria proveniente do ambiente e das relações estabelecidas pelo indivíduo ao longo de sua trajetória.

Na tentativa de elucidar esta questão, pesquisadores que se debruçam sobre os indicadores genéticos do comportamento (Cohen e outros, 2004) dão conta de que a resiliência à privação socioeconômica tem fatores biológicos associados, sendo em parte hereditária. Outros achados afirmam que determinados genes prestam sua contribuição no transporte eficiente de serotonina aumentando a probabilidade de proteção ao desencadeamento e desenvolvimento da depressão na presença de maus-tratos (Caspi e outros, 2003).

Neste mesmo viés, Rutter (2003) sugere que há risco maior em desenvolver depressão após um evento estressor entre as pessoas com propensões genéticas ao estresse, sugerindo que, em parte, fatores genéticos influenciam na sensibilidade aos fatores ambientais. Para este autor, os aspectos biológicos, embora importantes, por si só não são determinantes para a resiliência, que seria resultante da interação entre fatores genéticos e ambientais. Vale ainda salientar que as pesquisas envolvendo marcadores genéticos relacionados à resiliência (Cohen e outros, 2004) consideram as interações entre genes e fatores do meio, os quais também oscilam em sua função, podendo ora atuar como fator de proteção, ora como fator de risco, dependendo das circunstâncias, do momento e do lugar.

Assim, na condição de processo, a resiliência implica em um conjunto de fenômenos vinculados e articulados entre si que se desenrolam e se constroem ao longo

da vida, em diferentes contextos – cultural, afetivo, social – sendo, portanto, um processo que se inscreve de forma contextual e é construído e reconstruído, também, de forma coletiva. Nesta perspectiva, o ambiente e seus componentes são coautores do fenômeno em processo, e compreendem a relação entre o contexto e as características da pessoa em desenvolvimento.

Neste cenário, não se pode perder de vista a “pessoa” que, segundo a abordagem bioecológica de Bronfenbrenner (1979), é um organismo biopsicológico, ativo, humano e contextualizado, que traz consigo não somente as heranças genéticas, mas também a cultura, a linguagem e a construção de vida. Contando com a complexidade de todos estes aspectos, o desenvolvimento deste ser está relacionado com as mudanças nas suas características biopsicológicas presentes e decorrentes dos acontecimentos que fazem parte do seu ciclo vital.

Ainda no tocante às polarizações, a polêmica entre *permanente* e *circunstancial* também tangencia o fenômeno aqui abordado (Junqueira e Deslandes, 2003). Seria ele algo fixo e imutável, sempre presente em todos os momentos e circunstâncias da vida? Em outras palavras, uma vez resiliente, sempre resiliente em qualquer situação? Seria, então, a resiliência um fenômeno estável, permanente, característico de alguns privilegiados?

Para Rutter (1985), a resistência ao estresse é relativa e suas bases são tanto constitucionais quanto ambientais, sem que seja fixa, variando de acordo com as circunstâncias, podendo ser desencadeada e desaparecer em alguns momentos da vida, bem como estar presente em algumas áreas e ausente em outras. Antes de tudo, este fenômeno deve ser entendido como um processo interativo e dinâmico entre fatores de risco e proteção, internos e externos ao indivíduo, e que age na regulação dos efeitos de eventos adversos da vida – não sendo estanque, nem linear, uma vez que há possibilidade de se encontrar várias respostas da mesma pessoa em diferentes momentos de sua existência. Estas respostas podem ser mais saudáveis em alguns momentos e nem tão saudáveis em outros, mas nem por isso a pessoa deixa de ser resiliente.

Resumindo, conceito de resiliência, na sua trajetória, alcançou inúmeros avanços, conforme sumarizados no quadro I.

Pesquisas Pioneiras	Pesquisas Atuais
Foco no indivíduo/ traço pessoal.	Foco tanto nas bases constitucionais como ambientais, variando de acordo com as circunstâncias e a época.
Invencibilidade/invulnerabilidade/ resistência absoluta ao estresse.	Resistência relativa ao estresse com enfrentamento de crises, variando de acordo com as circunstâncias.

Capacidade individual/privilegio herdado.	Processo que envolve a interação dinâmica entre as características individuais, características herdadas geneticamente e a complexidade do contexto, desenvolvidas ao longo do ciclo da vida.
---	---

Tabela 1: Diferenças conceituais entre pesquisas pioneiras e atuais (Masten, 1999)

Este quadro acena para vários cuidados que se deve ter ao se tratar do fenômeno em questão, já que ele envolve posições éticas e teóricas com relação à questão da subjetividade e dos processos sociais nele envolvidos. Isso acontece porque, dependendo da concepção de resiliência com a qual se trabalha, é possível, por exemplo, contribuir para a manutenção de situações de violência, ao se defender que este fenômeno é uma capacidade da qual o indivíduo é dotado, e que lhe faculta lidar melhor com situações traumáticas. Esta compreensão, ainda pautada nas ideias pioneiras sobre resiliência, tende à condução de comportamentos que culpabilizam os indivíduos que não se mostram fortes o suficiente para elaborarem, sozinhos, as adversidades enfrentadas.

Nesta linha de pensamento, àqueles que conseguem “dar a volta por cima” são considerados “privilegiados” e, para àqueles que “não têm o mesmo privilegio”, corre-se o risco de defender intervenções centradas apenas no indivíduo, quando questões complexas como a da violência, por exemplo, requerem estratégias mais abrangentes, que levem em consideração a característica multifacetada que cerca o problema – fatores sociais tais como desemprego, ausência de condições mínimas de infraestrutura de moradia, saúde, educação, etc.

Ao se adotar uma postura compatível com a coluna esquerda do quadro I, é possível que se advogue e incentive a ideologia dos mais aptos, comportamento considerado inadequado diante dos resultados das pesquisas mais recentes referentes ao tema. É fundamental lembrar que a questão do individual e do singular precisa ser cuidadosamente analisada, pois as pessoas podem responder de maneiras diferentes diante de adversidades semelhantes – uma mesma situação de risco pode ser interpretada, por alguns, como perigo e, para outros, como desafio.

Ademais, tendo em vista que este fenômeno envolve uma configuração/mosaico de fatores que se inter-relacionam – conforme exposto na coluna direita do mesmo quadro – os recursos contextuais, incluindo o microsistemaⁱⁱⁱ familiar (que apresenta fatores resilientes tais como a coesão, a comunicação, a adaptação, e a afetividade)^{iv}, e também sistemas mais abrangentes (presentes no decurso do desenvolvimento humano – redes de apoio social e afetivo), são considerados fundamentais para o enfrentamento de crises e promoção do bem-estar, bem como para a construção de identidades saudáveis e da resiliência (Ungar e outros, 2007).

Conceitos Correlacionados: A Complexidade do Construto

*... doces são os frutos da adversidade.
(Shakespeare)*

Com base nos conceitos citados anteriormente, a natureza dinâmica da resiliência conduz a outros fenômenos que interagem de forma constante. Estes fatores agem no processo de resiliência como fatores protetivos ou de risco, facilitando e potencializando (positivamente/negativamente) os eventos presentes na vida do indivíduo, necessitando ser apontados e diferenciados entre si, e esclarecidos. A literatura atual sobre o tema tem mostrado uma preocupação com a adequação dos conceitos e da linguagem usada para referir-se a termos associados à resiliência tais como Risco, Vulnerabilidade, Proteção, Estresse, Coping^v e Competência, uma vez que eles têm povoado os relatos empíricos dos estudiosos deste fenômeno. Neste trabalho, tentaremos, num esforço hercúleo, já que cada um deles mereceria muito mais tempo e esmero, resumi-los de maneira que fique compreensível ao leitor debutante na área.

- Fatores de risco

Yunes (2006) admite a resiliência como sendo um processo que atua na presença de risco. Portanto, não se pode falar em resiliência sem mencionar experiências que apresentam riscos crescentes ao desenvolvimento, uma vez que estes fatores estão associados a ela. Na visão desta pesquisadora, fatores de risco são condições relacionadas a eventos negativos da vida que aumentam a probabilidade de o indivíduo apresentar comprometimentos na esfera da saúde, bem-estar e desempenho social.

Vale destacar que os fatores de risco podem ser internos (hiperatividade, déficit cognitivos, prematuridade, etc.) e externos (negligência, violência, abuso, etc.), e podem operar de diferentes maneiras, em diferentes fases do desenvolvimento, podendo, inclusive, causar impactos substanciais impedindo ou dificultando a capacidade de dar seguimento à rotina do cotidiano. Porém, como afirmam Pesce e outros (2004), esses eventos podem também, em certos momentos, proporcionar mudanças positivas, permitindo que a pessoa reorganize a vida e tenha vontade de seguir em frente e, talvez, após a “tempestade”, possa pensar como Shakespeare na epígrafe que abre esta seção: uma idéia a priori contraditória, mas que pode ser entendida, a partir do momento que, após o enfrentamento de adversidades, a pessoa sai fortalecida.

É importante destacar que um risco isolado – que aponta a existência de um evento potencialmente estressor – é diferente de mecanismos de risco, os quais se desenvolvem como processo, não sendo uma variável isolada em si mesma. Por essa razão, no que se refere à resiliência, é importante focar os mecanismos de risco, uma vez que a variável isolada pode constituir-se como risco em uma determinada situação, e em outra pode funcionar como um fator de proteção (Lundman e outros, 2007; Rutter e outros, 2008).

Vale enfatizar que, mesmo que para ser reconhecida como tal a resiliência precise, necessariamente, estar atrelada à presença de uma condição adversa, há que se destacar o contexto no qual os indivíduos estão inseridos e se desenvolvem, onde podem ser encontrados outros recursos/fatores que, além dos riscos impostos pelas circunstâncias, podem agir como agentes protetivos, atenuando e neutralizando os efeitos nocivos do risco e promover a construção da resiliência, como será visto no item três a seguir.

- Vulnerabilidade

Em consonância com Dagmar e outros (2006), a vulnerabilidade se refere às suscetibilidades psicológicas que aumentam a probabilidade de um resultado negativo em presença do risco, e envolvem tanto as condições individuais quanto as culturais e sociais em que ocorrem. É importante ressaltar a relação entre risco e vulnerabilidade, salientando que a mesma opera apenas quando o risco está presente e que, sem ele, ela não tem efeito (Polleto e Koller, 2008). Então, não é correto pensar que o conceito de vulnerabilidade pode ser aplicado no lugar do conceito de risco, já que são dois conceitos distintos. A vulnerabilidade somente pode ser definida em circunstâncias relacionais, ou seja, associada ao fator de risco que, se estiver ligado a uma resposta negativa, pode potencializá-la. É importante enfatizar que a vulnerabilidade, por si mesma, não evoca uma resposta negativa – mas pode exacerbá-la.

No sentido oposto, a *invulnerabilidade/invencibilidade* também não pode ser comparada com a resiliência, como ainda é preconizado em algumas literaturas (Pereira e Sanchez, 2007). Este equívoco, provavelmente, se deve ao fato de a resiliência implicar na capacidade de superação, e aos primeiros estudos na área, os quais enfocaram crianças que, apesar de enfrentarem adversidades extremas conseguiram desenvolver-se com bom desempenho escolar e comportamental. Na literatura, elas foram apresentadas como “crianças invulneráveis” – “as bonecas de aço” conceito cunhado pelos psiquiatras Koupernik e Anthony (Tomkiewicz, 2001). Entretanto, hoje esta ideia de invulnerabilidade relacionada à resiliência não se apresenta adequada. O fato de uma pessoa apresentar-se resiliente não significa que tenha saído ilesa do evento adverso; em outras palavras, resiliência não expressa impermeabilidade, blindagem e/ou imunização psicológica à nocividade, como o termo invulnerabilidade deixa transparecer.

- Mecanismos de proteção

Os mecanismos de proteção, frequentemente denominados de mediadores, conforme Eisenstein e Souza (1993, p. 19), são descritos como “... recursos pessoais ou sociais que atenuam ou neutralizam o impacto do risco” estando, portanto, diretamente associados ao desenvolvimento saudável do indivíduo. Interagindo com os fatores de

risco, na obtenção de resultados positivos, eles podem promover um abrandamento do impacto do risco sobre o desenvolvimento do sujeito, acionando processos de resiliência. Nestas circunstâncias, enfatizando a relação existente no binômio risco-proteção, a exposição aos fatores de risco, sem a mediação dos fatores de proteção, pode vulnerabilizar o indivíduo, potencializando o impacto dos riscos sobre seu desenvolvimento.

Diante desta conceitualização, fica claro que os fatores protetivos emergem e operam somente em condições específicas de risco, mitigando o impacto do evento e diminuindo a probabilidade de um resultado negativo acontecer na presença de um fator de risco, modificando e alterando a resposta a um evento nocivo. Nesta direção, enquanto a vulnerabilidade potencializa e exacerba os efeitos das condições de adversidades, os fatores de proteção agem como amortecedores a estas condições.

Na tarefa da protetividade, os fatores a ela relacionados podem ser classificados em três grupos, com base nas variáveis individuais/pessoais e ambientais (Haggerty e outros, 1994): 1) atributos da personalidade (habilidade para solução de problemas, autoestima, autonomia, orientação social positiva, etc.), 2) os laços afetivos no sistema familiar (suporte dentro da família, ausência de conflitos, coesão familiar, etc.) e 3) os sistemas de suporte social – sistemas externos de apoio (escola, trabalho, centros religiosos, serviço de saúde), que propiciem competência e determinação individual, encorajando e reforçando a capacidade da pessoa para lidar com os infortúnios da vida.

- Estresse

Etimologicamente a palavra “stress”, de acordo com o Webster’s International Dictionary (1996), se origina da palavra Latina “strictus/stringo/stringere”, dando idéia de compressão, aperto. Porém, novos rumos apontaram para diferentes percepções daquilo que antes vinha sendo caracterizado como estresse, deixando para trás uma orientação de natureza tradicional para uma perspectiva mais abrangente. O modelo Biopsicossocial (Bernard e Krupat, 1994), que envolve componentes não somente internos (ansiedade, medo) mas também externos (eventos de vida estressores – acontecimentos cotidianos), inclui a interação entre ambos.

Assim, mais recentemente, o estresse tem sido definido, nas palavras de Lipp (2001, p. 20) “... como uma reação do organismo, com componentes físicos e/ou psicológicos, causada pelas alterações psicofisiológicas que ocorrem quando a pessoa se confronta com uma situação que, de um modo ou de outro, a irrite, amedronte, excite, confunda ou mesmo que a faça imensamente feliz.”

Dentro deste cenário, tendo como pano de fundo as conceituações e considerações feitas sobre o fenômeno estresse, pode-se ousar afirmar que dificilmente alguém escapa a ele e, portanto, as famílias – pais e filhos – também se acham expostos aos fatores estressores, que agem influenciando direta ou indiretamente a dinâmica familiar: economia instável, crise financeira, doenças na família, demissão ou mudança de emprego, crise conjugal, mãe que sai de casa para trabalhar, nascimento de um bebê

na família, brigas entre irmãos, etc. (Kohen e outros, 2000). Então, como provedores, adultos cuidadores e responsáveis pelos filhos, os pais^{vi} se veem frente a situações desconfortáveis que, muitas vezes, provocam relacionamentos insatisfatórios, instabilidade das relações no lar e até mesmo hostilidade entre os membros da família.

Quando as pressões da parentalidade se avolumam, elas podem causar uma contrarreação – os pais, muitas vezes, se percebem dentro de um “furacão” de afazeres e emoções, tentando equilibrar e manter o dia-a-dia em um ritmo que permita vivenciar pesadas e ilimitadas demandas, fazendo adaptações e construindo estratégias, que incluem rápidos e frequentes ajustes ao seu estilo de vida; às vezes, estas pressões são autoimpostas e as coisas são conduzidas dentro de uma “saia justa”, onde nem pais e nem filhos podem relaxar.

Neste “pacote” – embrulhado para presente, que a vida oferece como desafio – a escola das crianças, para a maioria dos pais, representa um fator de preocupação e ansiedade. Os filhos, por sua vez, são sensíveis às nuances apresentadas pelas tensões vividas em família. É como se fosse uma pedra jogada na água, formando círculos que se ampliam e, ao mesmo tempo, sofrem uma interface, onde há a coincidência de estar um círculo dentro do outro.

De acordo com Brofenbrenner e Morris (1999), pode-se afirmar que o desenvolvimento humano acontece como consequência de um processo que envolve a função das forças emanadas dos múltiplos ambientes e das relações entre eles. Vale salientar, ainda, que as fontes de estresse se modificam ao longo do desenvolvimento dos filhos, variando de acordo com o ciclo de vida familiar. Em outras palavras, o conjunto de fatores estressores, aos quais a família está exposta durante seu ciclo vital, pode influenciar na qualidade de vida que a pessoa vivencia.

- Coping

Este fenômeno está diametralmente oposto ao estresse. Como os indivíduos não são seres passivos frente às contingências da vida, eles percebem, emitem pensamentos e agem de maneira a modificar, minimizar ou controlar as demandas geradas pelos fatores estressores presentes em seu cotidiano. Assim sendo, “coping”, nas palavras de Desmond e MacLachlan (2006), é um conjunto de estratégias empreendidas pelas pessoas com o objetivo de lidar com demandas específicas, internas ou externas, percebidas como dolorosas, para se adaptarem às circunstâncias adversas que surgem em situação de estresse, que sobrecarregam ou excedem os recursos pessoais.

Neste sentido, as estratégias de “coping” funcionariam como moderadoras dos efeitos negativos causados pelo estresse, evocando e integrando os processos de resiliência do indivíduo (Friborg e outros, 2006). Pesquisas indicam que estratégias de coping são preditoras de adaptação psicossocial e que pessoas que usam estas estratégias, provavelmente, se adaptam melhor ao estresse e apresentam angústias

psicológicas mais amenas (Desmond e Maclachlan, 2006). Na literatura (Campbell-Sills e outros, 2006), estudos também mostram que indivíduos resilientes tendem a usar estratégias de coping – mudando o ambiente ou planejando diferentes atividades – para administrar situações de estresse e seguir desenvolvendo-se.

- Competência

As pesquisas em resiliência têm chamado a atenção para a importância da competência, que representa o sucesso no desenvolvimento de tarefas – na esfera acadêmica, no relacionamento social, etc. – previstas para uma pessoa de determinada idade e gênero, no contexto de sua cultura, sociedade e época (Masten e outros, 2006). Porém, Junqueira e Deslandes (2003) advertem no sentido de que vários estudos sobre competência e sucesso, atrelados à resiliência, revelaram níveis significativos de ansiedade e depressão em adolescentes considerados resilientes, indicando que a competência estava associada com a intenção de agradar, de estar em conformidade com as normas sociais vigentes, de mostrar empatia, etc. Dessa forma, sucesso e competência, nos resultados encontrados nestas investigações, dependem de um padrão adotado que nem sempre corresponde ao que, de fato, seria melhor para aquele adolescente específico, naquele contexto.

Estas descobertas trouxeram à luz evidências de que há uma controvérsia envolvendo esse tipo de definição, que leva a um forte componente ideológico, com tendências a protagonizar a reprodução de um discurso patologizante da resiliência. Em outras palavras, quando as expectativas, relacionadas às normas de sucesso escolar e social, são impostas àqueles menos privilegiados e identificados como “em situação de risco”, e não são por eles alcançadas, estes acabam por serem considerados “não-resilientes”. Nesta direção, o discurso da resiliência não consegue ultrapassar os limites circunscritos ao indivíduo.

Para minimizar as controvérsias e imprecisões que se apresentam na elaboração deste construto, alguns autores (Luthar, 1993; Kalawski e Haz, 2003) sugerem que, dada a complexidade do fenômeno da resiliência, as pesquisas sejam realizadas levando em consideração três tipos de resiliência, a saber: 1) acadêmica – focada na resolução de problemas e aprendizagens de novas estratégias cognitivas; 2) emocional – voltada para as experiências que promovem a autoestima, para o senso de autoeficácia, para a capacidade de lidar com mudanças, etc.; e 3) social – atrelada ao senso de pertencimento a seu grupo, fato que aumenta a motivação para a tarefa e a melhoria no desenvolvimento (Hutz e outros, 1996).

As razões, que levaram as autoridades supracitadas a essa defesa, se devem ao fato de que eles observaram que o fracasso em uma esfera não impede a resiliência em outra. Algumas pessoas podem ser mais ou menos resilientes em cada uma delas, e alterar sua resiliência se as circunstâncias forem diferentes, como no caso de crianças que foram submetidas a altos níveis de estresse e apresentaram bons níveis de

competência social e comportamental; porém foram constatados, nestas mesmas crianças, altos níveis de ansiedade e depressão, comparáveis aos níveis de crianças menos adaptadas comportamentalmente, revelando, por exemplo, que o fracasso escolar não impede alta resiliência social ou emocional. Para estes autores, essa discrepância existe, porque um só mecanismo não dá conta de explicar o desempenho escolar favorável, apesar das adversidades e, por esta razão, apontam que o sucesso em um domínio particular não pode ser generalizado para outros domínios.

Com este pano de fundo, as diferenças apresentadas são compatíveis com a distinção existente entre sintomas externalizantes (voltados para a ação) e internalizantes (vinculados à emoção). Neste caso, de acordo com o ponto de vista destes estudiosos, se diferentes mecanismos que conduzem aos sintomas externalizantes são diferentes dos mecanismos que levam a sintomas internalizantes, seria mais adequado estudar ambos os fenômenos de resiliência separadamente. Porém, a divisão da resiliência da maneira como foi proposta faz emergir um questionamento em potencial: se o fenômeno da resiliência deve ser considerado um processo e, portanto, compreendido na totalidade do indivíduo, como dividi-lo em partes?

Então, uma solução oferecida por estes pesquisadores seria usar medidas de resultado mais amplas, que incluíssem os sintomas internalizantes e externalizantes, uma vez que ao englobar áreas distintas do desenvolvimento humano em uma única dimensão seria muito mais uma atitude simplista do que uma obediência ao sentido amplo de processo, tendo em vista que no processo de resiliência estão encapsuladas diferentes dimensões do ser humano, que apresentam diferentes mecanismos, os quais nem sempre se harmonizam em todas as situações.

Indo um pouco mais além e tangenciando as controvérsias que fazem parte dos estudos nesta área, há discussões acerca dos indicadores do que seja um desenvolvimento psicológico e social “bom”, quando a resiliência é estudada em diferentes culturas e contextos (Ungar e outros, 2008). Então, albergados pela amplitude e complexidade do fenômeno, estes autores afirmam que a resiliência não pode ser explicada de maneira universal e uniforme, uma vez que a ela estão associados fatores culturais e contextuais que implicam na adaptação dos indivíduos em diferentes contextos ecológicos, emoldurados por realidades sociais e políticas da comunidade local, que contribuem para a vivência e para a construção do processo de resiliência.

A título de ilustração, destacamos aqui os achados das pesquisas da Força-Tarefa em Resiliência para Crianças e Adolescentes Negros da Associação Americana de Psicologia – *The American Psychological Association’s Task Force on Resilience and Strength in Black Children and Adolescents* (2008) – as quais apontam que os indivíduos pesquisados apresentaram habilidades especiais que os ajudavam a lidar com preconceito racial, levando-os a não-conformidade com as expectativas que a sociedade tinha para o comportamento deles – incluindo, também, comportamentos de agressão (Obradović e outros, 2010).

Diante de tantas discussões, inconsistências e imprecisões, que têm acompanhado a agenda de pesquisas relacionadas ao fenômeno da resiliência, determinadas descobertas emergiram e sugerem certas precauções, algumas delas já mencionadas neste trabalho. Então, à guisa de conclusão, elas serão aqui lembradas e sumarizadas.

-
1. Não existem pessoas invulneráveis;
 2. Não há formulas mágicas que produzem resiliência;
 3. Há múltiplos caminhos para se alcançar a resiliência;
 4. É bastante fácil cair no engodo de culpabilizar a “vítima”, quando se assume que a resiliência é um traço de personalidade e que emerge somente das capacidades internas do indivíduo;
 5. Não se é resiliente sozinho, embora a resiliência seja um processo único, íntimo, pessoal e intransferível;
 6. O fenômeno resiliente apenas poder ser estudado *a posteriori*, ou seja, sua verificação só pode ser retrospectiva;
 7. Muitos são os fatores e atributos que estão envolvidos no processo de resiliência sendo, portanto, de natureza multidimensional;
 8. Há níveis de risco e adversidades tão esmagadores, que a resiliência pode não ocorrer e a superação pode ser rara e até impossível;
 9. Não somente o fracasso, mas às vezes o sucesso nas tarefas pode provocar um efeito cascata que conduz a problemas de adaptação;
 10. A resiliência possui várias definições revelando que está, enquanto conceito, em fase de debate e construção, devido a sua natureza ampla e complexa;
 11. Os conceitos de resiliência estão intrinsecamente vinculados a contextos históricos, sociais, culturais e desenvolvimentais, mesmo que estes estejam implícitos;
 12. Sistemas adaptativos que operam normalmente podem ser “sequestrados” tendo em vista comportamentos que não são aprovados pela sociedade – pela adicção às drogas, ou por líderes de gangs que recrutam jovens para agir de maneira anti-social;
 13. Há dificuldades em esclarecer o que é considerado risco e adversidades, bem como adaptação e ajustamento, uma vez que são fenômenos de difícil mensuração.
-

Tabela 2: Precauções Relacionadas ao Fenômeno da Resiliência (Crawford e outros, 2006; Sameroff, 2006)

É importante lembrar que, no afã de entender e promover processos de resiliência, muitas fontes geradoras de ameaça ao desenvolvimento podem ser prevenidas: nascimento prematuro, guerras, minas terrestres, violência, desabrigo, etc.,

uma vez que a prevenção é muito mais vantajosa tanto para as pessoas quanto para os cofres públicos já que, uma vez acionadas, estas ameaças funcionam no papel de corroer o desenvolvimento e minar as ferramentas promotoras da adaptação positiva, que normalmente trabalham em favor da vida.

Nesta altura, sem estar desvinculada ao tema, peço licença para um momento poético, que ajuda a ilustrar a “volta por cima” de Cora Coralina^{vii}, quando ela reporta, com a sensibilidade própria dos poetas, sua capacidade de enfrentamento e superação nos excertos de seu poema intitulado “Minha Infância Freudiana”:

Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
Chorava, importunava.
De dentro a casa comandava:
"- Levanta, moleirona."
E a moleirona, pandorga, perna-mole
se levantava com seu próprio esforço.
Um velho tio que assim me via
- dizia:
"- Esta filha de minha sobrinha é idiota.
Melhor fora não ter nascido!"
Que trabalho imenso dei à casa para me torcer, retorcer,
medir e desmedir.
E me fazer tão outra,
diferente,
do que eu deveria ser.

A profundidade dessa e de tantas outras histórias, de pessoas conhecidas e anônimas, permite assegurar a importância da prevenção, com intervenções direcionadas para cada caso, principalmente no microsistema familiar – contexto relacional mais próximo – minimizando os riscos e maximizando os fatores protetivos tais como apoio, suporte, respeito mútuo, promoção da autonomia e da auto-estima, etc., fundamentais para o desenvolvimento.

Considerações Finais

*A vida só é possível reinventada (Cecília
Meirelles)*

Não houve pretensão, neste artigo, de se elaborar uma revisão exaustiva sobre resiliência. A intenção foi apenas de fazer algumas reflexões sobre este fenômeno, de maneira introdutória, na tentativa de tornar mais claro o assunto, para àqueles que são

leigos no tema em questão, estão iniciando no mundo acadêmico, ou para àqueles que querem ter o primeiro contato com o universo do objeto ora sob reflexão.

Nesta direção, mesmo que de maneira breve e introdutória, pode-se observar que, atualmente, a literatura se apropria de variadas apresentações conceituais referentes ao fenômeno da resiliência. Sem dúvida, este tem sido um campo fértil de pesquisas, que cresce em popularidade entre os cientistas, apesar de seu conceito ainda permanecer um pouco vago e inconsistente, em termos de significado – daí as razões para as dualidades, imprecisões, controvérsias e indefinições – e, por isso, se apresentar como um grande desafio para aqueles que ousam trilhar os caminhos sinuosos e pedregosos que conduzem até a resiliência.

Porém, apesar da literatura refletir um consenso até certo ponto conturbado sobre a definição do termo, com variações substanciais na operacionalização e mensuração dos construtos-chave sobre resiliência, é ideia comum entre os pesquisadores que este fenômeno está associado à capacidade de recuperação do padrão de funcionamento após a experiência de uma situação adversa.

Mais interessante é observar, ainda, que os estudos nesta área têm privilegiado o resgate e o fortalecimento das dimensões sadias da pessoa, muito mais do que os déficits do problema, evitando o discurso que ressalta e valoriza deficiências e prejuízos. Além deste enfoque, e para além do indivíduo isoladamente, os trabalhos têm envolvido famílias, grupos, comunidades e instituições, incluindo esta constelação de apoio como parte da solução, paralela ao conjunto de recursos internos e externos, que permitem que as pessoas façam o enfrentamento de situações críticas.

As reflexões a respeito deste tema levam à conclusão de que a continuidade dos trabalhos científicos nesta área é de valor substancial, uma vez que, apesar dos muitos desafios empreendidos na elaboração do conceito e nas dificuldades nas medidas de abordagem para a obtenção de resultados mais precisos, importantes avanços têm sido realizados na compreensão do fenômeno da resiliência nas últimas décadas. Com este pano de fundo, a continuidade das investigações, por certo, trará subsídios para uma potencial expansão nos estudos sobre a teoria do desenvolvimento humano, bem como para sugerir novos horizontes para a prática interventiva nesta área. Grotberg (2005) adverte sobre a necessidade de se estar em contato com novas pesquisas sobre o tema, uma vez que estudos atuais propõem novos desafios para revisar as idéias antigas de menor impacto.

Concluindo, o universo científico da resiliência tem uma dívida substancial para com os pioneiros deste campo do conhecimento, que se preocuparam na investigação do fenômeno e na articulação do construto, elaborando, criticando, desconstruindo, reelaborando e reconstruindo questões vitais que garantem, aos estudiosos contemporâneos, considerações sérias e rigorosas para futuros esforços científicos. Afinal, como poetizou Cecília Meirelles, não somente no cotidiano comum, mas

também nas ciências, cada dia pode-se fazer uma nova (re)descoberta; pode-se aprender a (re)inventar a vida.

Referências

- AATFRSBCA – American Psychological Association (2010). Task Force On Resilience And Strength. In Black Children And Adolescents. *Resilience in African American children and adolescents: A vision for optimal development*. Washington: DC.
- Bernard, L. C.; Krupat, E. (1994). Health Psychology Biopsychosocial factors in Health and Illness. Orlando: Harcourt Brace Publishers.
- Bronfenbrenner, U. (1999). The Ecology of Human Development: Experiments by Nature and Design. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U., Morris, P. A. (1999). The Ecology of Developmental Process. Em Gomes, P. J. (Eds.) *Stress and Violence in Childhood and Youth* (pp. 21-95). Lisboa: Faculdade de Medicina - Universidade de Lisboa.
- Caspi, A., Sugden, K., Moffitt, T., Taylor, A., Craig, I., Harrington, H., McClay, J., Mill, J., Martin, J., Braithwaite, A., Poulton, R. (2003). Influence of life stress on depression: Moderation by a polymorphism in the 5-HTT gene. *Science - Danvers*, 386-389.
- Crawford, Emily et al. (2006). Resilience and spirituality in youth. Em Benson, P. L. (eds.). *The Handbook of Spiritual Development in Childhood and Adolescence* (pp. 355-370). London: Sage Publications.
- Cyrułnik, Boris. (1999). *Um merveilleux malheur*. Paris: Editions Odile Jacob.
- Meyer, D., Mello, D., Valadão, M., Ayres, J. R. (2006). Você aprende A gente ensina? Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. *Cadernos de Saúde Pública*, 22 (5), 1335-1342.
- Desmond, D., Maclachlan, M. (2006). Coping strategies as predictors of psychosocial adaptation in a sample of elderly veterans with acquired lower limb amputations. *Social Science & Medicine*, 62, 208-216.
- Eisenstein, E. e Souza, R. P. (1993). *Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes*. Petrópolis: Vozes.
- Ferreira, A. B. de H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Friborg, O., Hjemdal, O., Rosenvinge, J., Martinussen, M., Aslaksen, P. M. e Flaten, M. (2006). Resilience as a moderator of pain and stress. *Journal of Psychosomatic Research*. 61, 213-219.

- Grotberg, Edith H. (2005). Novas Tendências em Resiliência. Em A. Melillo e outros (org.) *Resiliência, Descobrendo as Próprias Fortalezas* (pp. 15-22). Porto Alegre, Artmed.
- Haggerty, R., Sherrod, L., Garmezy, N., Rutter, M. (1996). *Stress, risk and resilience in children and adolescents: process, mechanisms and interventions*. New York: Cambridge University Press.
- Hutz, C. e Koller, S. (1996). Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. *Estudos de Psicologia*, 2, 175-197.
- Hutz, C., Koller, S. e Bandeira, D.R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. *Coletâneas da ANPEPP*, 79-86.
- Houaiss, A. (1996). *Novo dicionário Folha Webster's: inglês/português, português/inglês*. São Paulo: Folha da Manhã.
- Infante, Francisca. (2005). A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. Em A. Melillo e E. N. OJeda (Org.). *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas* (pp.23-28). Porto Alegre, Artmed.
- Junqueira, M. F., Deslandes, S. (2003). Resiliência e maus tratos. *Cadernos de Saúde Pública*, 19, 227-235.
- Kalawski, J. P., Has, A. M. (2003). Dónde está la resiliencia? Una reflexión conceptual. *Revista Interamericana de Psicología*, 37, 365-372.
- Kohen, D. E., Hertzman, C. e Brooks-Gunn, J. (2000). Neighbourhood Influences on Children's School Readiness. Applied Research Branch, Strategic Policy, Human Resources Development Canada. *Working Papers Series, W-98-15E*.
- Lhomme, S., Serre D., Diab, Y, e Laganier, R. Les réseaux techniques face aux inondations ou comment definir des indicateurs de performance de ces réseaux pour évaluer la résilience urbaine. *Bulletin de l'Association de géographes français*, 4. Recuperado em 28 de fevereiro de 2011, de http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/58/00/25/PDF/Lhomme-Laganier_BAGF.pdf.
- Lipp, M. E. N. (2001). Stress: conceitos básicos. Em M. Lipp (Org.). *Pesquisas sobre stress no Brasil: saúde, ocupações grupos de riscos* (pp.17-29) Campinas: Papirus.
- Longman dictionary of the English language. (1996). New edition. Harlow: Longman.
- Lundman, B., Strandberg, G., Eisemann, M., Gustafson, Y., Brulin, C. (2007). Psychometric properties of the Swedish version of the resilience scale. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*. 21, 229-237.
- Luthar, S., Cicchetti, D., Becker, B. (2000). The Construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work. *Child Development*. 71, 543-562.

- Luthar, S. (1993). Annotation: methodological and conceptual issues in research on childhood resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 34, 441-45.
- Masten, Ann S. (1999). Resilience comes of age: Reflections on the past and outlooks for the next generation of researchers. Em M. Glantz e J. Johnson (Eds.). *Resilience and development: positive life adaptations* (pp. 289-296). New York: Plenum Publishers.
- Masten, A. S.; Burt, K. B.; Coatsworth, D. (2006). Competence and psychopathology in development. In D. Cicchetti e D. J. Cohen, (Eds.). *Developmental psychopathology, Risk, disorder, and psychopathology* (pp. 696-738). New York: Wiley.
- Moraes, M. C., Rabinovich, E. (1996). Resiliência: uma discussão introdutória, *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 6, 10-13.
- Pereira A., Maria F., Silva, A. C., Gomes, V., Araujo, A. M. Oliveira, D. (2009). A exploração sexual infanto-juvenil sob a ótica de membros da população. *Psicologia em Revista*, 3, 41-59.
- Obradović, J. , Bush, N., StamperdahL, J., Adler, N. e Boyce, T. (2010). Biological sensitivity to context: The interactive effects of stress reactivity and family adversity on socioemotional behavior and school readiness. *Child Development*. 81, 270–289.
- Pereira, F. e Sanchez, M. (2007). Como reconhecer a resiliência em sujeitos idosos frente ao trauma da hospitalização. *Ciência e Conhecimento*. 2, (1). Recuperado em 30 de outubro de 2010, de http://www.cienciaeconhecimento.com.br/pdf/vol001_PsA2.pdf.
- Pesce, R., Assis, S., Santos, N. e Oliveira, R. (2004). Risco e proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2, 135-143.
- Polleto, M., Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*. 25, (3), 405-416.
- Rutter, Michael. (1985). Resilience in the face of adversity. Protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147, 598-611.
- Rutter, Michael. (2003). Genetic influences on risk and protection: Implications for understanding resilience. Em S. Luthar Suniya. S. (Eds). *Resilience and vulnerability. Adaptation in the context of childhood adversities* (pp.489-509). Cambridge: Cambridge University Press.
- Rutter, P., Freedenthal, S., Osman, A. (2008). Assessing protection from suicidal risk: Psychometric properties of the suicide resilience inventory. *Death Studies*, 2, 142-153.
- Saleebey, Dennis. (2008). *The strengths perspective in social work practice*. Boston: Allyn & Bacon.

- Sameroff, Arnold. (2006). Identifying risk and protective factors for healthy child development. Em A. Clark-Stewart, J. Dunn. *Families Count: Effects on Child and Adolescent Development* (pp.53-78). NewYork: Cambridge University Press.
- Scoville, M. (1942). Wartime tasks of psychiatric social workers in Great Britain. *American Journal of Psychiatric*, 99, 25-39.
- Souza, M. T., Cervený, C. M. (2006). Resiliência psicológica: revisão da literatura e análise da produção científica. *Revista Interamericana de Psicología*, 40, 115-122.
- Tomkiewicz, S. (2001). L'émergence du concept. Em *La résilience: le réalisme de l'espérance*, (pp. 45-66). Toulouse: Erès, collection Fondation pour l'Enfance.
- Torralba, I. Vázquez-Bronfman, A. (2006). *La resiliência invisible - infancia, inclusión social y tutores de vida*. Barcelona: Gedisa.
- Ungar, M., Liebenberg, L. e Didkowsky, N. (2007). Negotiating resilience: Protective process of children in transitions across cultures and contexts - *Research manual*. *Unpublished manuscript, School of Social Work*, Dalhousie University: Canada.
- Ungar, M. (2006). Resilience across cultures. *British Journal of Social Work*, 38, (2), 218-235.
- Walsh, F. (1998). Strengthening family resilience. New York: Guilford Press.
- Yunes, M. A. (2006). Psicologia positiva e resiliência: foco no indivíduo e na família. Em D. Dell'Aglío, S. Koller e M. A. Yunes (Org.) *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção* (pp.45-68). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dados das autoras:

Idonezia Collodel Benetti

UNIBAVE – Centro Universitário Barriga Verde

Rua Padre João Leonir Dall’Alba, s/n, Bairro

Murialdo. Orleans – Santa Catarina – Brasil.

Contato: idonezia@hotmail.com.

Maria Aparecida Crepaldi

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade.

Departamento de Psicologia-CFH

Campus Universitário, Trindade, Florianópolis, SC, CEP 88049-900

Contato: maria.crepaldi@gmail.com

Dia da recepção: 24/06/2011

Dia da revisão: 25/08/2011

Dia de aceitação: 20/12/2011

ⁱ Em psicologia, este conceito, de acordo com Polleto e Koeller (2008, p. 407), “está superado, pois uma pessoa não pode absorver um evento estressor e voltar à forma anterior. Ela aprende, cresce, desenvolve e amadurece”.

ⁱⁱ Original em inglês: "the ability to return quickly to your usual health or state of mind after suffering an illness, difficulties etc.: resilience of character".

ⁱⁱⁱ Essa terminologia pode ser encontrada em Bronfenbrenner (1979), que classificou, dentro de uma visão bioecológica, o contexto em sistemas que interagem entre si. Em sua taxonomia, os contextos mais próximos do indivíduo tais como a família e a escola fazem parte do microsistema de desenvolvimento humano.

^{iv} Nem sempre o sistema familiar é um sistema que protege seus membros. Nos casos de negligência, a família põe a criança em risco.

^v Lutar, competir com sucesso ou em igualdade de condições: esta é a tradução literal do verbo inglês “*to cope*”, cujo significado também pode ser descrito como a ação de lidar adequadamente com uma situação, superando as dificuldades ou limites que essa situação apresenta (HOUAIS, 1996).

^{vi} Neste caso, a palavra pais não se restringe apenas aos genitores, mas também aos cuidadores em geral, incluindo avós, tutores e responsáveis, etc.

^{vii} Cora Coralina in "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais".